

Paternidade: passado, presente e futuro

Introdução

Ao contrário da maternidade, que tem sido alvo de inúmeras investigações ao longo dos tempos (Correia, 1998), a paternidade só nos anos 70 despertou interesse na área da Psicologia (Horvath, 1995).

Nos anos 80, começaram a surgir pesquisas científicas em torno da figura paterna, nomeadamente, a sua importância na educação dos filhos. A relação pai-filho, até aqui negligenciada, começou a partir desta altura, a assumir uma importância no estudo do desenvolvimento da criança (Silverstein & Auerbach, 1999). No entanto, a literatura acerca da paternidade ainda é relativamente escassa quando comparada à amplitude que esta assume no desenvolvimento biopsicossocial da criança.

Nas palavras de Balancho (2003), “Se ser pai significa a capacidade de cuidar de outro ser humano de forma a promover nele o desenvolvimento e, em simultâneo, contribuir para a continuação da espécie e da vida através da criação de gerações futuras, também significa auto-satisfação e realização pessoal”.

Neste contexto, pretendemos, com o presente artigo, aprofundar a importância da figura paterna ao longo do tempo e, refletir sobre a paternidade nas gerações futuras.

1. A evolução da função paterna

Até ao início dos tempos Republicanos, o pai assumia o papel de formador moral, responsável pela transmissão de valores culturais e morais e regras sociais aos seus filhos. A educação e a instrução dos filhos não era valorizada como parte integrante do desenvolvimento, servindo apenas para a interpretação dos manuais religiosos (Lamb, 1992).

Segundo Balancho (2003), a sociedade nesta época, era estratificada e hierarquizada onde os filhos eram completamente submissos à autoridade do pai. Este exercia total influência na vida dos seus filhos, pois era ele que os preparava para um ofício. Além disso, a figura paterna também desempenhava um papel de autoridade na vida relacional dos filhos, decidindo quem eles deveriam cortejar. Este facto explica-se pela importância que era dada, nesta altura, à continuidade e à

herança familiar. O poder dos pais era de tal forma significativo que, em caso de separação do casal, os filhos eram entregues ao pai.

Apesar da influência e da proximidade, a relação pai-filho era essencialmente instrumental baseada na transmissão de saberes e regras de conduta. O envolvimento emocional e os cuidados diários dos filhos eram, nesta relação, negligenciados.

Neste contexto, surge por volta do séc. XVIII uma indignação face à prepotência do pai. O exercício da paternidade vigente promovia a dependência e a submissão à autoridade ao invés de fomentar uma relação afetiva que proporcionasse bem-estar (Parke, 1996).

Com a industrialização, no séc. XIX, o sustento económico começou a ser a característica dominante da função paterna. Um bom pai seria aquele que conseguia obter um bom rendimento para o sustento da família. No entanto, é após a segunda guerra mundial que surge uma nova conceptualização de paternidade (Lamb, 1992).

Com o distanciamento dos pais, devido a estes acontecimentos históricos, a educação das crianças começou a ser valorizada.

António, de 80 anos, recorda os tempos de infância e afirma: *“O meu pai era muito exigente. Tínhamos regras para tudo...para estar à mesa, horário para nos levantarmos e para nos deitarmos... até regras para falar! O meu pai passava o dia inteiro na firma. Era ele que sustentava a família. A minha mãe ficava em casa a cuidar de nós e a tratar de assuntos domésticos. Lembro-me perfeitamente quando as mulheres começaram a trabalhar fora de casa... o meu pai nunca aceitou bem esse facto. Ele sempre defendeu os valores que lhe foram transmitidos.”*

A entrada da mulher no mundo do trabalho, no início do séc. XX, teve como repercussão o delegar das funções educativas a outras instituições. Posto isto, assistimos a uma transformação nos papéis e nas funções familiares, proporcionando um sistema mais igualitário entre homens e mulheres (Balancho, 2003).

A figura do pai deixa de ser vista como poder de autoridade e de masculinidade na identificação sexual dos filhos e começa progressivamente a envolver-se na prestação de cuidados tornando-se mais afetivo.

2. O pai actual

O novo pai está envolvido nos cuidados do dia-a-dia e na educação dos filhos. Apesar do sustento económico ainda ser uma questão crucial, o pai da atualidade tem um grande impacto no desenvolvimento das crianças.

Assiste-se a um pai mais atento aos filhos, prestador de cuidados, fornecedor de apoio emocional e colaborante nas tarefas domésticas. O depoimento de Jorge, de 28 anos, ilustra bem este facto: *“Chego sempre a casa antes da minha mulher. Sou eu que geralmente vou buscar a Carolina à creche (filha única de 3 anos). Dou-lhe banho, brinco com ela e adianto o jantar. Sinto-me muito bem e desejo que continue sempre assim... gosto de estar próximo da Carolina e ajudar a minha mulher no que poder. Acho que tenho jeito para as crianças. Nunca me atrapalhei e sempre ajudei a minha mulher a cuidar da Carolina desde bebé”*.

Estes factos reforçam, não só os laços afetivos entre os filhos, como também um fortalecimento da relação conjugal (Lamb, 1992). Na mesma linha de pensamento, Coimbra de Matos (2002), refere que o pai é o sustentáculo do narcisismo da mãe, que se reflete na relação mãe-filho, ou seja, quando a mãe se sente satisfeita a nível pessoal e amoroso estará mais disponível para uma relação afetuosa com a criança.

Hoje sabe-se que a presença do homem é muito benéfica na parentalidade, sendo esta vitalícia.

2.1. Ser pai começa antes da gravidez

Atualmente, ser pai ou mãe, na maioria dos casos, é um acto deliberado e controlado contraceptivamente. As técnicas de planeamento familiar vieram proporcionar ao casal a possibilidade de decidir qual o momento mais conveniente e desejado para o nascimento dos seus filhos (Avô, 2000). Além disso, trata-se de um projecto que já não está necessariamente vinculado ao casamento.

Posto isto, a vontade de ter um filho pode estar associada a diversas razões (Cameira, Cabral, Leal, & Ribeiro, 2000).

Segundo Bydlowski & Dayan-Lintzer (1988), o desejo de ser pai acenta sobre duas significações: uma consciente a outra inconsciente. No plano consciente, o indivíduo imagina-se no papel pai e cria ilusões futuras de perpetuação, podendo fortalecer a harmonia na intimidade da relação com a mulher que escolheu. A dimensão inconsciente do desejo resulta, fundamentalmente, da forma de como o indivíduo viveu a sua relação com a mãe e com o pai (quer com cada um em particular, quer com os dois enquanto casal) à medida que cresceu.

Embora, o desejo de fusão e de união com o outro, a identificação, a realização de ideais, o desejo de resolver questões relacionais, a necessidade de assegurar o casamento e o desejo de renovar velhas relações possam estar subjacentes no desejo de parentalidade por parte do casal, as

motivações pessoais também são cruciais nesta decisão. Por vezes, os filhos são encarados como um prolongamento de si mesmo ou como enriquecedor da sua própria existência. Ainda importa referir, que um filho pode ser visto para o indivíduo, como uma oportunidade de realizar algo que ele próprio nunca conseguiu (Cameira et al., 2000).

Deste modo, pode-se considerar que, inerentes ao desejo de parentalidade, existem complexas razões pessoais e conjugais. Todavia, sabe-se que a pressão familiar e social pode exercer bastante influência na vida do indivíduo, principalmente, em questões relacionadas com a maternidade/paternidade.

Podemos verificar este facto nas afirmações de Jorge: *“Casei-me com a Joana aos 24 anos. Os pais dela faziam muito gosto e ofereceram-nos o copo de água. Com o passar dos tempos, os nossos pais começaram a expressar o desejo de serem avós. Nós também queríamos um filho, mas reconheço que fomos muito influenciados pelas nossas famílias. Mas acho que foi a altura ideal.”*.

Com o projecto de parentalidade, o casal define uma nova vida e, desde muito cedo, estabelece um sistema de cuidados direccionados para o novo elemento da família (Vaz & Relvas, 2002).

Poderemos então inferir que, quando um casal ou um dos membros decide ter um filho, independentemente das razões, começa-se a construir um projecto de paternidade/maternidade recheado de expectativas e desejos.

2.2. O pai também “engravidar”

Infelizmente, as experiências do futuro pai não são consideradas, pela nossa sociedade, relevantes. O apoio à mulher grávida é uma função importante, contudo, não podemos inferir que o papel do pai se limite a este facto (Colman & Colman, 1994).

Será que quando um pai acompanha a sua esposa ao obstetra ou às aulas de preparação para o parto está unicamente a servir de apoio físico e psicológico à sua companheira? Não nos parece. Aqui, certamente, o homem já sente a necessidade de exercer a sua paternidade de alguma forma e, tem a necessidade de sentir e ver, nem que seja através de ecografias, o seu filho. O pai está a estabelecer uma nova relação com a sua mulher, com o seu filho e também consigo próprio.

Segundo Ross (1979), o período de gravidez provoca na figura paterna uma “revolução” interna, onde haverá uma reestruturação do self que será crucial para o resto da sua vida. A sua nova identidade vai então formando-se ao longo dos nove meses de gestação.

Na mesma linha de pensamento, durante a gravidez, as alterações psicológicas e sociais do pai podem ser tão elevadas que devemos igualá-las às transformações da mãe (Parke, 1996).

Durante este período, o homem pode apresentar algumas queixas físicas (perda de apetite, vômitos, inchaço abdominal, etc.), ansiedade ou medos inexplicáveis. Estes sintomas psicossomáticos têm a designação de Síndrome de Couvade. Geralmente, este Síndrome está relacionado com conflitos despoletados pela gravidez, no entanto, a maioria dos homens não conseguem perceber esta ligação (Trehowan, 1965). De acordo com Biller (1970), o Síndrome de Couvade pode ser uma tentativa inconsciente do pai para expressar a sua transformação.

Se fosse possível, muitos homens gostariam de ser portadores de um filho (Cyrulnik, 1995). De acordo com Colman & Colman (1994), podem surgir nos homens sentimentos profundos acerca da gravidez. Segundo estes autores, os pais sonham muitas vezes que estão grávidos, o que pode traduzir inveja ou ansiedade. No entanto, os sonhos também podem significar uma tentativa de partilhar profundamente a experiência da mulher.

Para expressar a identificação íntima e positiva com a sua mulher, em muitos casos, o futuro pai aumenta de peso (Colman & Colman, 1994).

Gaspar, de 34 anos viveu intensivamente a gravidez da sua mulher *“quando a minha mulher disse que estava grávida eu fiquei radiante. Mas com o passar do tempo comecei a ter medo. Eu não sei explicar... tinha medo que a gravidez não corresse bem, que acontecesse alguma coisa de mal... sentia-me impotente... era algo que não controlava. Às vezes até tinha pesadelos. Sonhava que nascia um bebé com problemas, ou que ela abortava... veja lá que até sonhei que era eu que estava grávido e cheio de dores! Só comecei a acalmar quando a gravidez chegou aos 6/7 meses... mas, na altura do parto fiquei muito nervoso.”*.

Sem dúvida, o pai atual tornou-se numa figura “maternal”, onde este seu novo papel vai evoluindo na quantidade e na qualidade. Para além do interesse crescente pela gravidez, o pai da atualidade, investe no futuro filho, empenha-se nos preparativos para o enxoval, é treinado para ser assistente durante o parto e vivência a gravidez da sua mulher de forma mais próxima e intensa.

O bebé passa ser o novo interlocutor nas conversas do casal. Normalmente, ambos vão decidir que nome dar ao bebé, os planos futuros do dia-a-dia após o nascimento da criança e vão criando expectativas (Avô, 2000).

Podemos observar a cumplicidade do casal em relação à gravidez nas palavras de Jorge *“A gravidez mudou a nossa vida. Em vez de irmos ao cinema ou jantar fora íamos ver artigos para bebés. Passamos a direccionar a nossa vida para a nossa filha. Todos os dias pensávamos em alguma*

coisa para ela... pensamos no nosso futuro, de como seria a nossa filha, o que desejávamos para ela e o que iríamos fazer por ela. Andávamos muitos felizes e cheios de expectativas.”

O pai deseja, cada vez mais, compartilhar com a sua mulher as experiências de contato com o bebé.

Segundo Cyrulnik (1995), se o pai colocar as mãos sobre o ventre da sua mulher em fim de gravidez, e exercer uma pressão muito suave, o bebé muda de posição ao fim de alguns minutos.

Contudo, a interação directa do pai-bebé inútero vai para além do tato. O bebé pode familiarizar-se com o odor do pai através do líquido amniótico. Este facto acontece porque o pai é portador de um odor almiscarado característico que é inalado pela mãe e, no fim da gravidez, as moléculas odorantes encontram-se no líquido amniótico (Cyrulnik, 1995).

Ainda neste contexto, muitos investigadores defendem que o bebé também tende a familiarizar-se com a voz do pai porque esta passa facilmente através da parede uterina. Enquanto a voz da mãe é percebida de forma suave e distante pelo bebé, a voz do pai, como apenas tem de atravessar uma fina parede de músculos e de água, é mais intensa e aguda (Cyrulnik, 1995).

A interacção indirecta do pai-bebé inútero processa-se através da mãe. Sendo o pai um homem significativo para a mãe, este facto irá ser transmitido sensorialmente para o feto.

Gaspar, sentia a necessidade de tocar na barriga da sua mulher todos os dias: *“À noite, tocava na barriga dela e só parava quando o nosso filho se mexia. Às vezes também tinha curiosidade em ouvir os sons da sua barriga. Apetecia-me falar com o bebé, mas sei que ele não ia perceber... mas pelo menos ouvia a minha voz... acho eu. Isto fazia-me sentir bem.”*

Com base no exposto, podemos inferir que o pai vivência e partilha intensamente a gravidez com a sua mulher. Estes factos reforçam a nossa ideia de que o pai também “engravidar-se”.

2.3. O pai no desenvolvimento da criança

Com a chegada de um filho, o pai vai ter obrigações e cuidados acrescidos que farão aumentar o stress na sua vida (Balancho, 2003).

O pai vai ter de coordenar a paternidade com a vida profissional, conjugal e social. A responsabilidade económica e o desejo de proximidade do bebé começam a crescer e poderão, em alguns casos, ser incompatíveis. Além disso, relativamente à sua parceira, ele vai ter uma grande importância na reorganização conjugal e no apoio emocional, físico e económico.

Posto isto, pretendemos realçar, de forma sucinta, a importância e as dificuldades do pai no desenvolvimento da criança.

O parto é um acontecimento inesquecível e intenso, transbordado de sentimentos ambíguos: medo, alegria, sofrimento, prazer e amor. A mãe e o bebé são os protagonistas deste momento, no entanto, o pai não deve ser colocado de parte.

Atualmente sabe-se que a presença do pai, no momento do parto, é muito vantajosa tanto para a mãe como para a criança (Avô, 2000). O pai serve como um forte apoio emocional e, presente no momento do parto, estará disponível para ajudar a sua companheira.

Tal como a mãe, o pai também vivência este acontecimento com intensidade e ansiedade. Por exemplo, ele sente muito medo que algo de mal aconteça ao bebé e/ou à sua mulher (Colman & Colman, 1994). Poderá também sentir receio de ter que ficar só a tomar conta do seu filho ou de sofrer a perda deste e/ou da sua parceira. Mas, quando o parto se caracteriza de forma normal, em muitos casos, o casal sente felicidade e vive um momento verdadeiramente mágico.

“Quando soube que tinha corrido tudo bem, que a minha mulher estava bem e o meu filho com saúde, senti-me o homem mais feliz do mundo. Mas confesso que vivi momentos de grande aflição quando a minha mulher deu entrada no Hospital... Tive muito medo que algo corresse mal. Eu não sabia o que fazer... tive mesmo muito medo.” – Comenta Gaspar.

Para além dos medos associados ao parto, importa referir que alguns homens, sentem ciúmes do bebé principalmente pela proximidade corporal que o une à mãe (Colman & Colman, 1994). As palavras de Jorge poderão estar associadas a este facto: *“... quando vi a minha filha no colo da Joana senti que ela nunca sentirá um amor tão profundo por mim... o amor por um filho transcende qualquer outro...”*

No entanto, a inexistência da experiência física não implica que o bebé não estabeleça relações de vinculação com o pai. Como refere Cyrulnik (1995), apesar do efeito tranquilizador do corpo da mulher, o pai maternal pode “ tecer um elo de vinculação muito eficaz e adquirir uma grande função apaziguadora.”

Segundo Lamb (1997), a maioria dos bebés vinculam-se a ambos os pais devido à qualidade das relações e não por causa do tempo que ambos passam com a criança.

Ainda relativamente aos comportamentos de vinculação, as crianças com oito meses não revelam preferência por nenhum dos pais mas demonstram comportamentos de afiliação de preferência pelo pai (Malpique, 1990).

A primeira imagem que a criança vai ter do pai é a que foi transmitida pela mãe e pelo próprio na fase de gestação (Furman, 1991). Se a transmissão ao feto e a interação precoce pai-filho for calorosa e afetiva, a criança manifesta alegria e carinho para o pai apenas com um pequeno desfasamento de tempo em relação à mãe (Balancho, 2003).

Por volta dos quinze meses a criança já consegue ter imagens diferentes do pai e da mãe. O diferente tipo de relação que a criança vai ter com os progenitores proporcionará a existência de dois modelos que irão conduzir à descoberta do self. Sendo assim, a criança tenderá a reproduzir e fará uma identificação dos modelos de acordo com o seu sexo. Em resultado, irá surgir uma identificação com o casal, com o próprio sexo e um modelo de comportamento que corresponde a um “ideal de EU” (Amato, 1994).

Em certos casos, a ausência do pai pode ser mais prejudicial que a da mãe. Poderão surgir síndromes graves na criança devido à falta de uma figura de autoridade e psicoafectiva indispensável para a sua identificação (Wallon, 1978).

Relativamente à importância do pai na formação da identidade sexual da criança, Lamb (1992) refere que, ao contrário do que se pensava nos anos 60, a masculinidade tem pouca importância. Subjacente à adaptação dos padrões de tipificação sexual, está essencialmente a relação calorosa que o pai tem com o seu filho. Por outras palavras, ao invés da masculinidade, são as características “femininas” do pai e a relação positiva que este estabelece com o filho, que levam a um melhor ajustamento da tipificação sexual.

A aproximação do pai ao bebé tem bastante influência na relação entre mãe-bebé e na relação de casal. Por exemplo, no caso de bebés prematuros, as visitas e a presença do pai pode melhorar a relação do casal e o desenvolvimento da criança (Sousa, Faria, Lory & Baptista, 2000).

O filho do casal Campos nasceu com seis meses e meio de gestação e esteve na incubadora durante três meses e meio. A sra. Campos recusava-se a ver o seu bebé. O seu marido tinha que o ir ver sozinho *“la todos os dias vê-lo e saber como ele estava. A minha mulher ficava trancada no quarto a chorar e só saía de lá para fazer o jantar. Perguntava-me se a criança estava de boa saúde e se havia esperanças. Com o passar do tempo, começou a acreditar que era possível ele sobreviver e decidiu ir vê-lo. Aí percebeu que o bebé não era assim tão diferente do que tinha imaginado... era um bebé normal... mas mais pequenino.”*. A Sra. Campos conta-nos: *“Tive medo de o conhecer... tive medo que morresse... o meu marido é que me deu força. Deu-me muito apoio... a mim e ao nosso filho. Foi um erro ter agido assim... e ele soube compreender e perdoar. Senão nunca me tinha perdoado a mim mesma. Hoje em dia, tanto eu como ele cuidamos bem do nosso bebé”*.

Embora as mães sejam, por excelência, as prestadoras dos cuidados do bebé não podemos afirmar que os pais sejam menos capazes (Lamb, 1987).

Normalmente, a prestação de cuidados é incumbida à mulher pela sociedade e pela família. É a mãe que está mais presente no dia-a-dia da criança e por isso mais sensível e consciente das necessidades do bebé. O pai, ao achar que esse papel é unicamente da mulher, afasta-se e torna-se cada vez mais inseguro das suas capacidades parentais. Mesmo que os homens desejem prestar cuidados ao seu filho, vão continuar a ceder à sua mulher essa responsabilidade (Lamb, 1992). No entanto, durante o período neonatal, ambos os pais podem ser igualmente competentes (Lamb, 1981).

Cyrulnik (1995) vem reforçar esta ideia dizendo que, os bebés alvos de cuidados paternos, vocalizam mais na presença de um estranho, exploram melhor os objectos e aceitam melhor o colo de um desconhecido do que os bebés entregues aos cuidados da mãe.

As interações iniciais do pai e da mãe com o bebé são muito diferentes. Enquanto que a mãe estabelece, como já foi referido, uma relação de prestação de cuidados, o pai recorre a uma relação lúdica de jogo e de estimulação do bebé através do toque. Isto não significa que a mãe não brinque com os bebés, contudo, ela recorre aos jogos tradicionais e aos contos de fadas e o pai inventa e improvisa novas brincadeiras. Em suma, temos o lado paterno que é mais físico, como tocar, lançar e pegar ao colo, e o lado materno mais intelectual, utilizando mais verbalizações e apresentações de objectos (Cyrulnik, 1995). *“A minha mulher cantava quase todas as noites para a Carolina. Eu gostava de lhe pegar ao colo e elevá-la no ar... Ela sorria para mim. Também se ria muito quando eu lhe tocava na barriga ou nos pezinhos.”* – Recorda Jorge.

A actividade calorosa e lúdica do pai proporciona ao bebé uma regulação e um controlo de comportamentos e emoções. As crianças, deste modo, conseguem uma melhor adaptação aos vários sentimentos experienciados e às diversas situações emergentes. Além disso, a observação das expressões faciais e dos movimentos corporais do pai, permite ao bebé desenvolver confiança e aprender a lidar com situações semelhantes no futuro. A competência intelectual da criança também parece estar associada ao tipo de envolvimento que o pai estabelece com ela e com a mãe. Se houver uma interacção próxima, calorosa e lúdica, a criança terá um bom desenvolvimento intelectual e futuramente um bom rendimento escolar. (Balancho, 2003).

Também importa referir que, quanto mais cedo se estabelecer uma interacção pai-filho forte e positiva, mais o desenvolvimento cognitivo e a capacidade expressiva e criativa do bebé se diferencia (Malpique, 1990).

Radin (1994) ainda acrescenta que a relação calorosa entre pai e filho, influência positivamente a competência e a motivação para o sucesso do seu filho.

Com base no exposto, podemos inferir que o estímulo e a interacção do pai são muito importantes no desenvolvimento cognitivo, afectivo e social da criança.

Relativamente à função paternal, concordamos com as palavras de Malpique (1990) “o pai é sensível e capaz de fazer uma maternagem precoce do seu bebé”. Embora menos presente que a mãe, o pai pode desenvolver uma interacção rica e estimulante com o seu filho.

3. Reflexão acerca do futuro pai

Com base em tudo o que foi exposto e, com algumas ideias da sociedade atual, pretendemos fazer uma breve reflexão acerca do futuro pai.

Seguramente, com o avanço da tecnologia, da ciência e da sociedade surgirão mais estudos em torno da paternidade.

Houve ao longo dos tempos uma nítida mudança no papel do pai, principalmente, por influência da sociedade. Relativamente às transformações futuras da função do pai, julgamos que a mudança não será tão evidente como ocorreu desde os tempos republicanos até aos dias de hoje. O pai do amanhã será presente, interessado, preocupado, activo e autosuficiente na educação dos filhos e dará ênfase a uma relação de amor e de afeto com os seus filhos tal como o pai da atualidade.

No entanto, parece-nos que, ao invés de ser o pai a ceder os cuidados parentais do filho à mulher (Lamb, 1992), com o evoluir da sociedade e das tecnologias, será a mulher a fomentar que os cuidados sejam feitos também pelo pai. Como refere Hojat (1998), o pai poderá substituir a mãe e ser o grande vitorioso nas questões da parentalidade.

Podemos observar este facto no caso de Nelson, pai solteiro aos 22 anos. *“A Teresa engravidou... ficámos em pânico. Os nossos pais não aceitaram a gravidez... Como deixamos arrastar a situação, já era tarde para fazer um aborto. A criança teve que ficar em minha casa porque ela e os pais foram viver para o estrangeiro. A Teresa só visita a filha uma vez por ano, nas férias grandes. Decidi começar uma vida nova. Deixei de estudar e fui trabalhar. Também decidi alugar uma casa para mim e fui viver com a minha filha. Nessa altura ela tinha 1 ano. Durante o trabalho ela ficava em casa dos meus pais. Ao fim do dia ia buscá-la. Aos fins-de-semana passeávamos. Comecei a aprender a cuidar dela, a mudar as fraldas, a fazer a comida, a dar-lhe banho... não é tão difícil como se pensa... os meus pais ficaram surpreendidos comigo. Atualmente admiram-me e respeitam-*

me muito por isso. Eu próprio mudei, tornei-me muito mais responsável e seguro das minhas decisões. Acho que sei tratar de crianças muito melhor que certas mulheres. Gosto muito de ser pai... se o tempo voltasse atrás não mudaria nada. Sou um pai competente! A minha filha tem cinco anos e somos muito felizes os dois!”

Infelizmente, a sociedade continua a não privilegiar a paternidade. Os pais continuam com um espaço reduzido para usufruir de alguns privilégios que a lei permite devido aos seus empregos (Balanchio, 2003). Mais do que uma previsão, desejamos que os pais de amanhã lutem pelos seus direitos de paternidade e que não percam, como tem acontecido, as principais etapas do desenvolvimento do seu filho.

Um pai que só vê os seus filhos de quinze em quinze dias por decisão do tribunal resultante do divórcio litigioso, não conhece a vida dos seus filhos; apenas pormenores ou situações pontuais retratadas por eles. Esse pai nunca saberá como são os seus filhos no regresso das aulas, nas brincadeiras diárias, na rotina do dia-a-dia... Os fins-de-semana e as férias nunca vão substituir as experiências do quotidiano (Guigue, 2002).

Contudo, já se verifica uma vontade, por parte dos pais, de estarem cada vez mais próximos dos seus filhos. Na fase do projecto de maternidade, eles interessam-se pelos os preparativos do enxoval; durante a gravidez, os pais acompanham a mulher às consultas, desejam ver e sentir o bebé e agradam a mãe no intuito de satisfazer a criança; no momento do parto estão presentes e vivem o momento com intensidade; e durante o desenvolvimento do bebé empenham-se nos cuidados, interagem mais e melhor, interessam-se pelo bem-estar da mãe e da criança, partilham sentimentos, criam uma relação afectiva e preocupam-se com a educação e com o sustento económico dos filhos.

Ainda segundo Lamb (1997), o pai da atualidade, pede licença de maternidade, tenta organizar horários de trabalho flexíveis, assume a custódia total dos filhos e recusa empregos para poder estar mais próximo dos filhos.

Com o aumento dos divórcios, podemos inferir que, futuramente, o pai estará mais sozinho no exercício da parentalidade. Esta suposição também se baseia na progressiva diminuição dos casamentos e no empenho progressivo das mulheres na carreira profissional.

Perece-nos haver um declínio do investimento materno e uma valorização na construção de uma carreira profissional ou outros projectos e um aumento progressivo do empenho do pai “maternal”.

Nos dias de hoje, a paternidade/maternidade é, normalmente, premeditado e controlado contraceptivamente. O casal tende cada vez mais a adiar esse momento em função de outros projetos (Cameira e tal., 2000). Com o avançar da idade, as mulheres sofrem uma diminuição do potencial fértil e reduzem a actividade sexual. Por consequência, haverá um aumento de stress que poderá levar ao consumo de produtos tóxicos. Este comportamento conduz a uma acentuação da infertilidade (Faria, 1988).

Talvez pelo aumento da infertilidade, existe um grande número de crianças que nascem através das tecnologias de reprodução (Sousa et al., 2000).

Acreditamos que muitas mulheres recorram a algumas destas tecnologias (por exemplo, a congelação dos óvulos maduros) para poderem mais tarde realizar o projecto de maternidade. O mesmo pode acontecer futuramente com famílias monoparentais e com homossexuais.

Podemos então inferir que, a longo prazo, dado o crescente interesse e desejo do homem pela paternidade, as técnicas de reprodução medicamente assistidas vão estar ao serviço dos homens solteiros. Podemos ir ainda mais longe nas especulações e, pensarmos que no futuro haverá uma espécie de “incubadora” que permite substituir o útero materno. Se for possível, assistiremos a uma revolução na parentalidade onde deixa de existir a gestação e o parto e nasce um “dar à luz psicológico”. Com este acontecimento o pai e a mãe ficariam com responsabilidades idênticas na função e no papel parental. Senso assim, a inveja do pai relativamente à gravidez da mulher, referida por Colman & Colman, (1994), e o desejo de ser portador, salientado por Cyrulnik (1995), deixariam de existir.

4. Considerações Finais

Assistiu-se a uma grande transformação do papel do pai ao longo dos tempos. A paternidade está “maternalizada” e a ganhar terreno no exercício da parentalidade.

Importa referir que, para que a influência da paternidade seja positiva deve haver um bom envolvimento do pai com o filho. As determinantes de um bom envolvimento afetivo são a motivação, a autoconfiança, o apoio e as práticas institucionais (Lamb, 1992).

Relativamente à motivação, o pai tem que desejar exercer a “nova” paternidade. O homem deve valorizar a paternidade em detrimento da masculinidade. No entanto, muitos pais sentem-se motivados mas pensam que não vão ser capazes de cuidar do bebé. Este receio de incapacidade conduz a um menor envolvimento. Posto isto, a autoconfiança do pai é fundamental para que se

crie um envolvimento próximo e afetivo. Por sua vez, para que o pai se torne autoconfiante e mais competente, é necessário que este tenha o apoio da família, em particular, da sua mulher.

Segundo Pleck & Peck (1997), existem muitas mulheres que não querem que os pais estejam envolvidos porque os acham incompetentes ou apenas para lhes poupar trabalho. Ainda para estes autores, as mulheres querem continuar a manter a autoridade na área dos cuidados da criança.

Por ultimo, para um bom envolvimento do pai é necessário que o horário do emprego seja flexível, permitindo que este tenha tempo para desenvolver uma relação próxima com o seu filho. Muitos pais recorrem à licença de paternidade mas, de acordo com Lamb (1992), esta só facilita o envolvimento num curto espaço de tempo.

Sendo assim, um pai motivado, autoconfiante das suas capacidades paternas, com um horário de trabalho flexível e com o apoio da família certamente irá estabelecer com a criança, uma relação próxima e um envolvimento afetivo que é, como sabemos, positivo para o desenvolvimento.

Para terminar, gostaríamos de referir que a separação teórica da função maternal e da função paternal é desejável porém, não nos podemos esquecer da importância da sua complementaridade. Neste artigo, abordámos essencialmente a função paterna distinguindo-a da materna, para obtermos uma melhor compreensão. Todavia, reconhecemos a importância do casal no desenvolvimento dos filhos.

Existem muitas famílias monoparentais e, torna-se importante que elas saibam que isso não causa necessariamente, dificuldades no desenvolvimento da criança. Também sabemos que a criança prefere que os pais estejam juntos e que a separação provoca um grande sofrimento.

Como refere Balancho (2003), a família ideal e perfeita nunca existiu nem nunca existirá. Todos nós temos um esboço dessa família na nossa imaginação e tentamos pô-la em prática através da adaptação aos tempos, às necessidades e às mudanças.

Referências Bibliográficas

- Amato, P. (1994). Father-child relations, mother-child relations and offspring psychological well-being in early adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 1031-1042.
- Avô, A. (2000). *O Desenvolvimento da Criança*. Texto Editora.
- Balancho, L. (2003). *Ser pai, hoje*. Lisboa: Editorial Presença.
- Biller, H. (1970). Father absence and the personality development of the male child. *Developmental Psychology*, 2, 181-201.
- Bydlowski, M., & Dayan-Lintzer, M. (1988). A psychol-medical approach to infertility: suffering from sterility. *Journal of Psychosomatic obstetrics and Gynaecology*, 9.
- Cameira, S., Cabral, I., Leal, I., & Ribeiro, J. (2000). *Desejo de um filho*. Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Organizado por J.Ribeiro, I. Leal, e M. Dias. Lisboa: ISPA
- Coimbra de Matos, A. (2002). O pai na pré-história do indivíduo (pp. 169-171). In *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Colman, L., & Colman, A. (1994). *Gravidez. A Experiência Psicológica*. Coleção Cline: Edições Colibri.
- Correia, J. (1998). Sobre a maternidade. *Análise Psicológica*, 3, série XVI, 365-371.
- Cyrlunik, B. (1995). *Sob o signo do afecto*. Epigénese e Desenvolvimento: Instituto Piaget.
- Faria, C. (1988). *Água da Lua*. Tese de Mestrado.
- Furman, R. (1991). The father-child relationship. In D. George H. Pollock (Eds.). *The Course of Life*, vol. III (pp. 221-233). International Universities: Press, Inc. Connecticut.
- Hojat, M. (1998). Satisfaction with early relationships with parents and psychosocial attributes in adulthood: which parent contributes more? *The Journal of Genetic Psychology*, 159, (2), 203-220.
- Guigue, A. (2002). *Pai de quinze em quinze dias*. Coleção Flor de Lótus. Ambar
- Horvath, I. (1995). O pai como força na família. Comunicação apresentada no Simpósio Internacional «Bebé XXI», Lisboa, João Gomes-Pedro e Madalena Folque

- Patrício (Eds.). *Criança e família na viragem do século* (pp. 151-157). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lamb, M. (1981). The development of father-infant relationships. In M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in child development*. New York: Wiley.
- Lamb, M. (1987). *The father's role. Cross-cultural perspectives*. Hillsdale, New Jersey: New Jersey.
- Lamb, M. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1, série X, 19-34.
- Lamb, M. (1997). *The role of father in child development* (3ª ed.). New York: Wiley.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Biblioteca das Ciências do Homem: Edições Afrontamento.
- Parke, R. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Pleck, E., & Pleck, J. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in child development* (pp. 33-48). New York: Wiley.
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In A. E. Gottfried & A.W. Gottfried (Eds.). *Redefining families: implications for children's development* (pp. 11-54). New York: Plenum.
- Ross, J. (1979). Fathering: A review of some psychoanalytic contributions on paternity. *International Journal of Psycho-Analysis*, 60, 317-327.
- Silverstein, L., & Auerbach, F. (1999). Deconstructing the essential father. *American Psychologist*, 54, 397-407.
- Sousa, L., Faria, C., Lory, F., & Baptista, A. (2000). Estudo comparativo do desenvolvimento infantil, práticas parentais educativas e ajustamento emocional materno em crianças nascidas de gravidez natural e por fertilização in vitro. In J. Ribeiro, I. Leal, e M. Dias. *Psicologia da Saúde nas Doenças Crónicas. Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 459-474). Lisboa: ISPA.
- Trehowan, W. (1965). The Couvade Syndrome. *British Journal of Psychiatry*, 111, 57-66.
- Vaz, C., & Relvas, A. (2002). Monoparentalidade: uma família à parte ou parte de uma família? In Relvas, A., & Alarcão, M. (Coords.). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto.
- Wallon, H. (1978). *Evolução psicológica na criança*. Lisboa: Editorial 70.

Resumo

O presente artigo pretende aprofundar a importância da figura paterna ao longo do tempo e, refletir sobre a paternidade nas gerações futuras.

A função paterna sofreu várias mudanças ao longo do tempo e, atualmente assiste-se a uma nova paternidade. O envolvimento paterno no projecto de maternidade, na gravidez e no desenvolvimento da criança é muito benéfico para o bebé e para a relação conjugal.

Com o avanço da tecnologia, da ciência e da sociedade surgirá certamente uma mudança nos papéis parentais e uma nova forma de olhar a parentalidade.

Palavras chave: Paternidade, envolvimento, gravidez, criança, desenvolvimento.